

# Os sonhos, ao final<sup>1</sup>

---

Matías Buttini  
Tradução de Maria Claudia Formigoni

## Resumo

Como transmitir um assunto chamado Escola em ambiente hospitalar, para médicos residentes e psicólogos que não estão acostumados a ouvir falar dele? O texto toma o tema dos sonhos, como a formação do inconsciente no final da análise, para dar-lhe uma inclinação clínica com base em algumas hipóteses: o que está escrito no final do processo analítico, como esses sonhos, que têm o valor de escrever no final da análise, influenciam, segundo os testemunhos dos colegas, como se relacionam com as transformações no campo do sujeito, seu sintoma, seu gozo e sua relação com o desejo do Outro?

## Palavras-chave:

Sonhos; Fim de análise; Escrita; Passe.

## The dreams, in the end

## Abstract

How to transmit a so-called School theme in a hospital setting, for medical residents and psychologists not very accustomed to hearing about it? The text takes the theme of dreams as a formation of the unconscious at the end of the analysis to give it a clinical bias based on some hypotheses: what is written at the end of the analytical process, how do these dreams that have the value of writing at the end of the analysis influence, according to the testimonies of colleagues, how do they relate to the transformations in the field of the subject, of his symptom, of his enjoyment and of his relation to the desire of the Other?

## Keywords:

Dreams; End of analysis; Writing; Pass.

---

<sup>1</sup> Baseado no texto de uma aula dada sobre esse tema, tão clínico quanto “de Escola”, em um curso sobre sonhos coordenado pelas colegas Cecilia Patrón e Laura Rudd, no hospital psiquiátrico infantojuvenil Tobar García, em Buenos Aires, no dia 2 de novembro de 2020.

## Los sueños, al final

### Resumen

¿Cómo transmitir una tema llamado de Escuela en un ámbito de hospital, para residentes médicos y psicólogos no muy habituados a escuchar sobre ello? El texto toma el tema de los sueños, como formación del inconsciente al final del análisis para darle un sesgo clínico en base a algunas hipótesis: ¿qué se escribe al final del proceso analítico? ¿Cómo influyen, según los testimonios de colegas, esos sueños que tienen el valor de escritura al estar al final del análisis? ¿Cómo se relacionan con las transformaciones en el campo del sujeto, de su síntoma, de su goce y de su relación al deseo del Otro?

### Palabras clave:

Sueños; Final de análisis; Escritura; Pase.

## Les rêves, à la fin

### Résumé

Comment transmettre un sujet appelé École dans un environnement hospitalier, pour des résidents en médecine et des psychologues qui n'ont pas l'habitude d'en entendre parler ? Le texte reprend le thème du rêve, comme formation de l'inconscient en fin d'analyse, pour lui donner une tournure clinique à partir de quelques hypothèses : qu'est-ce qui s'écrit à la fin du processus analytique, comment ces rêves, qui ont valeur d'écriture en fin d'analyse, influencent-ils, selon les témoignages des collègues, comment se rapportent-ils aux transformations dans le champ du sujet, de son symptôme, de sa jouissance et de son rapport au désir de l'Autre ?

### Mots-clés :

Rêves ; Fin de l'analyse ; Écriture ; Passer.

## Para começar

Primeiro, agradeço o convite para participar deste curso. Segundo, gostaria de dizer que o tema proposto, *Sonhos ao final da análise*, é muito interessante e, ao mesmo tempo, difícil de comentar, já que se trata de um verdadeiro *crossroad*, como se diz em inglês, uma encruzilhada, um cruzamento, um encontro. Podemos escrevê-lo como uma cruz, duas linhas ou caminhos que se cruzam que representam dois temas importantes, cada um por seu lado: os sonhos e o final da análise.

Para começar, conto um sonho, mas não da noite passada, e, sim, de muitos anos atrás, no início de minha análise, que agora voltou a aparecer. Com vergonha, devo confessá-lo. É uma só imagem, forte: estou sentado no colo de meu analista. Logo verão por que começo por esse sonho.

Gostaria de esclarecer que o tema me causa um especial *entusiasmo* — afeto bem presente no final da análise, como o assinalou Lacan (1976) — e uma dificuldade grande de transmitir algo desses chamados temas de Escola em um âmbito como um hospital em um contexto infantojuvenil. Sobre isso, há uma discussão enorme que não abordarei hoje, o final da análise de crianças. Discussão psicanalítica que não se extingue.

O final da análise é um tema com seus tabus e costuma estar limitado ao passe e às Escolas, o que é problemático e tem consequências para a própria psicanálise. É uma de suas má fomas. Costuma-se pensar que a análise não termina nunca, mas quem se submeteria a um tratamento sem fim? Seria isso uma prática possível, inclusive desejável? De onde sai essa ideia louca de algo *que dura toda a vida toda*? Ilusão neurótica, sonhar para continuar dormindo, sem fim, sem corte.

Por que não se fala disso ou não tanto como penso que se deveria falar? Creio que a única análise possível de ser levada a cabo deve ter seu fim e que isso é uma exigência para nós, psicanalistas, porque deve ser transmitido e em termos transmissíveis.

Mencionei duas palavras que requerem esclarecimento nesse âmbito: Escola e asse.

Brevemente, *Escola* é um termo que Lacan fomenta para falar da formação dos analistas e do laço possível entre os analistas, pensando nos problemas que as associações sempre tiveram. A IPA, depois de Freud, a AMP, depois de Lacan. Trata-se de um refúgio no qual se pode cultivar o discurso analítico e fazê-lo conversar com outros discursos. A Escola de Lacan baseia-se em dois dispositivos de transferência de trabalho que implicam a transmissão da psicanálise: o cartel, ou pequeno grupo em que se discute um tema, e o passe — que tem mais de uma acepção. O passe como momento situável do final de análise na clínica e o passe como dispositivo de Escola, alguém querer dar seu testemunho de análise a outros. Solicitar, assim, as garantias de uma Escola para a qual dirige seu caso e o faz de forma indireta: dá seu testemunho particular a dois passadores (analisantes que estão no momento de passe em sua própria análise) que, em seguida, o transmitirão ao que chamamos cartel do passe, que dirá se há ou não nomeação de AE, Analista de Escola.

Esse último ponto é central para pensar que a proposta de Lacan não é a da instituição analítica clássica de Freud, a instituição que se institui *para sempre*: a análise didática na qual um Outro, com maiúscula, que por sua sabedoria e trajetória, dá a garantia do final e da formação como algo finito. Lacan propõe outra forma: o testemunho indireto que alguém quer dar sobre *seu* próprio

caso, que, etimologicamente, implica *cassus*, aquilo que caiu ou se precipitou. Verão que tudo isso tem a ver com o tema, porque, ao final da análise lacaniana, o Outro deverá cair, já que sustentá-lo implica dar existência à ilusão ou ao sonho eterno, e não a um ponto de despertar ao real que chamamos castração. Uma breve citação de Lacan:

Enquanto o analisante sonha, o analista deve intervir. Tratar-se-ia então de acordar o analisante? Em caso algum é o que esse deseja [o analista, o analisante, a análise, quem deseja?] — ao sonhar, preserva a particularidade de seu sintoma. (Lacan, 1978, p. 140)

Deixo esse ponto com outra frase bastante conhecida de Lacan: *o analista só se autoriza de si mesmo*. Anos depois, acrescentará: *e de alguns outros*. Estrutura base da Escola: si mesmo, e alguns outros colegas.

## O assunto do material dos casos ao final

Para discutir sobre os sonhos ao final da análise, devemos contar com uma material clínico que nos permita dizer algo sobre seu caráter de sonhos conclusivos, de formações do inconsciente que permitem *dar um passo*, que indicam um caminho ou que dão pistas sobre o que ocorre a alguém nesses momentos. Em alguns lugares, Freud fala do *hipernítido*, como elemento ou fenômeno que aparece em certos detalhes de lembranças (Freud, 1901/2006, 1937b/2006) e que podem se conectar com o limite do interpretável, inclusive o umbigo do sonho ou a emergência da angústia.

Podemos pensar naqueles sonhos, comuns nos relatos do final da análise, que já não abusam da deformação onírica operada pelo não querer saber — figura do adormecido —, nos quais isso já se amenizou e se atravessou no processo. Então, abrem-se outros caminhos possíveis, novos caminhos...

A recusa do inconsciente se amenizou um pouco com a análise, podemos dizer, conforme a tese que Colette Soler (2007) resgata de Lacan. Tenhamos em conta que estamos privilegiando uma formação do inconsciente em relação a outras. Mesmo que não sejam todas iguais, convém pensar que dependem de cada caso e também dos momentos da análise.

Neste ponto, poderia ser colocada a discussão sobre se os sonhos das crianças, dos primórdios da vida, não têm características similares: algo legível em um só lampejo, que não requer mais interpretação. Podemos dizer que requerem uma presença, um interlocutor e a constituição de um relato. Ao final da análise, temos que pensar no analisante e no estado do analista também. Sua *disposição* ao final. Desejo do analista, isso implica não só saber lançar e relançar o processo, mas também um desejo do analista que ganha forma em seu próprio passe ou passagem.

## Existem dois ou mais tipos de sonhos?

Podemos fazer um círculo que delimita um campo nesse cruzamento, um campo que nos permita situar um terreno sobre o qual trabalhar. Os sonhos do final de análise caracterizam-se por ser sem o analista ou, ao menos, com o que resta do analista, com o que resta da demanda então, muitas vezes ali atrás do divã — sempre com sua presença/ausência virtual — silencioso. Aquilo que está em queda ou, até mesmo, que já caiu. Nesse aspecto, diferenciam-se desse outro material de cenário de realização do *wunsch* freudiano, desejo inconsciente indestrutível que aparece em toda formação onírica, inclusive no início das análises e que, quando toma a forma de sintoma, insiste.

Existe um conjunto que agrupe os sonhos ao final da análise? O sonho para a psicanálise, e isso se demonstra sobretudo ao final, é escrita. Algo que continua tentando se escrever, percorrer as marcas, o que, durante a análise, desloca-se pelas fixações, por mais paradoxal que isso soe.

Freud assinala que os sonhos devem ser lidos como hieróglifos, e suas características, as do desejo inconsciente, são as de um escrito: condensação, deslocamento, cuidado com a figurabilidade ou representação. A Outra cena do sonho pode abrir portas que não prevemos. *Via regia*, dirá Freud em 1900, fazendo eco ao real, via real de acesso ao inconsciente.<sup>2</sup>

Ao início e ao final, não estou tão certo de sustentar que existam dois tipos de sonhos, e, sim, que são sonhos que se localizam em diferentes lugares quanto ao sujeito e sua *hystorização* na análise. Um não analisado e outro já analisado, inclusive na *destituição subjetiva* que advém ao final; um sujeito que busca se instituir para iniciar e um que deve ser destituído no ato analítico para sair dali. Ricardo Rojas, colega de Medellín, nos diz:

Em múltiplos testemunhos do passe ficou evidente que uma formação do inconsciente surge, dando um giro no tratamento que até aí se desenvolvia em certo momento de adormecimento, no qual essa irrupção de real termina despertando o analisante. (Rojas, 2015, p. 37)

Trata-se de sonhos de culminância de um processo, sonhos ao fim. Há uma modificação que podemos resumir assim: do deciframento do sentido oculto à cifra ou ao esqueleto revelado pelas voltas da análise, a essa estrutura que implica que não há saber, e, sim, furo ou *desproporção* sexual entre o furo aberto no saber e o tampão neurótico ou outros fantasmas. E esse furo, o veremos em um sonho de Cora Aguerre, deve poder ser suportado sem ser recoberto.

---

<sup>2</sup> Ainda que Theodor Reik contradiga de modo muito interessante que não existe tal coisa como *Uma via e, muito menos, uma via real: No royal road through the unconscious*. Em *Listening with the third ear* (Reik, 1948/1983).

Quanto ao saber, temos um sujeito suposto saber, motivado pela transferência que vai levantando esse véu próprio do inconsciente como *saber não sabido*; e outro sujeito ao final, digamos assim, que moveu esse véu e olhou para trás por um instante de despertar que Lacan descreveu como *um relâmpago* (Lacan, 1975), momento de concluir, outro sujeito que experimenta a queda do Outro, desse suposto saber, mas ainda precisa conseguir sair da relação transferencial.

Ao início, um sujeito e, ao final, outro. Seria isso um sonho dos psicanalistas ou podemos verificá-lo? Esse outro sujeito, que já não precisa do analista para ler, pois aprendeu a ler (Lacan, 1972-1973, p. 49), considerando que ler não é compreender, e, sim, suportar o escrito e, muitas vezes, o sem sentido. No meio há uma metamorfose, aquilo que Françoise Jullien (2012) chamou de transformação *silenciosa*. É preciso deixar isto bem claro: um sujeito que não é um herói depois da análise, como se crê às vezes, se idealiza, e, sim, um sujeito que pôde cernir a causa de seu horror de saber. Então, lê-se já sem o outro intérprete que foi seu analista, mas não sem a função *analista*. Não precisa desse Outro-intérprete, pois tem o inconsciente de um sujeito analisado. Se não se fala disso em âmbitos além da Escola ou da instituição analítica, alimentam-se fantasias de eternidade, da análise como catártica, o tempo que dure a descarga. Podem ser repetidas, uma atrás da outra, sem concluir nunca, pois é estrutura da interpretação.

## O sintoma, o sujeito e o sofrimento sonhado

Isso, obviamente, encobre um real que não podemos assimilar a não ser pela ficção que construímos como mitos dos quais nos servimos como humanos, relatos, em torno desse ponto real como o impossível. Não é possível relatar o próprio final. E isso tem bastante a ver com o que tento situar e com o nome lacaniano que tem: *passe* ou *passagem*. É esse dispositivo inventado por Lacan e anexado à análise para quem, diz, queira correr o risco (Lacan, 1974/2003) de dar provas de como se fez analista ou terminou sua análise, como dá conta da queda do Outro, da destituição subjetiva e do aparecimento do desejo do analista. Tudo isso implica o alívio do sintoma, a mudança de posição do sujeito no que se refere a seu inconsciente padecido *mais além do princípio do prazer* para um inconsciente, desculpem a expressão, útil, que se pode ler e que orienta na vida. Não é uma vida mágica sem padecimentos nem sofrimentos, como dizem na televisão à noite. Não se está a salvo de tudo, mas, sim, do destino de dormir e não querer saber.

Esclareço rapidamente esses termos, muito amplos, antes de passar aos sonhos propriamente ditos. A queda do Outro com maiúscula implica a castração: alguém que acreditou que Outro pudesse responder — durante a análise, o analista o fez desde sua função —, mas cai de forma bastante abrupta, e isso implica o luto do final, por exemplo. Queda e luto posterior. Queda que alguma vez comparei com o intervalo de tempo que passa entre cair do cavalo e chegar ao chão

(Buttini, 2013). O termo desse trajeto que leva a dar voltas para cernir, experimentar o furo do saber (Vidal, 2017, p. 28). Já que o sintoma é isso que colocamos, que construímos para tampar esse furo do real, próximo ao umbigo do sonho do qual falava Freud. Como todo umbigo, é um nó que separa dois corpos, duas histórias.

A destituição subjetiva é um termo de Lacan que indica que, ao final da análise, o sujeito — sempre sustentado na associação livre, no sujeito suposto saber da transferência — se destitui, isto é, abandona sua instituição subjetiva pelo esgotamento do sentido dos sintomas (Freud, 1917/2006). Acrescentemos que a destituição subjetiva produzida em uma análise — não a que pode ser selvagem como o trauma — é uma condição para advir analista, ocupar essa função para outros, sustentar esse furo sem tampá-lo com a própria fantasia. Podemos relacioná-lo com a ideia ética de que não há dois sujeitos em análise, transformada em *slogan* muitas vezes. Não há dois sujeitos, já que um não deve se destituir e, se participa, não o faz como sujeito, mas como objeto, semblante de objeto *a*, encarna um vazio no qual se desdobrará o sujeito e seu dizer.

Sei que minha explicação é bastante breve, mas convém deixar assim por enquanto.

## Passe pelos sonhos

Vamos situar agora como isso ganha um *viés clínico*. Para tanto, tomarei vários exemplos de casos que são de colegas que deram seu testemunho ao terminar suas análises. São sonhos ou sequências de sonhos que dão conta de uma lógica que lhes permitiu concluir, sair da análise, segundo eles mesmos e alguns outros...

A pergunta que proponho é a seguinte: o que encontramos nesses sonhos *do* final ou *ao* final que nos dê uma pista sobre o estado do sujeito, sua relação com o Outro, a modificação de sua pulsão, a satisfação e o sintoma?

Vou dividir essa parte em dois. Como não creio que haja outra via de acesso, são todos sonhos de pessoas que atravessaram o dispositivo do passe que, como instância de dar a ler a análise como conjunto, ali pode ser tomado como um trajeto mais do final ao dar uma lógica à análise já concluída: primeiro, sonhos de alguns colegas. Na sequência, uma série de sonhos de quem lhes fala, que se fez caso.

## O sonho como resposta

Uma colega da Espanha apresenta o seguinte sonho, em várias versões, diz, como resposta à sua decisão de se apresentar ao passe: “*Estou em um parque infantil em um dia de sol e há um tubo. Aproximo-me dele e vejo no fundo um rato. Vejo o olhar do rato e acordo.* Trata-se de um olhar sem Outro. O sonho está relacionado com a curiosidade infantil” (Aguerre, 2011, p. 255).

Cora Aguerre localizará várias questões. Trago somente algumas aqui. Assinala que se trata de um sonho de angústia como resposta a uma tomada de posição ao final, que comunica ou põe em cena todo um trabalho de transfor-

mação da pulsão que vai da curiosidade infantil — o sol e o parque infantil — à sensação de leveza, diz — o horror de “*sa-ver*” (Aguerre, 2011, p. 255). “Me reconheço no olhar do rato... está em jogo a voracidade, o alimentar-se dos restos, da porcaria, de transitar pelos submundos, pelo imundo...” (Aguerre, 2011, p. 255). É importante esclarecer que isso não basta para o desejo do analista, e, sim, uma mudança em relação ao saber e a pulsão enodados no sintoma. Ela dirá que esse sonho, com a presença de um real em jogo, um gozo excessivo que se recorta nesses dois objetos pulsionais, oral e olhar, presentes no rato e na infância. Afirma que “o ver com horror o gozo que há em jogo é signo de que houve uma virada da posição, e de que a curiosidade insaciável pode passar a algo limitado” (Aguerre, 2011, p. 256) que lhe permite se situar no lugar de semblante de objeto e colocar em andamento uma experiência analítica em outros.

O analista, como indicava Freud (1909/2006), deve “sufocar sua curiosidade” e, acrescento, se é que a tem, já que não advém de um desejo curioso, pois sua relação com o saber não pode ser de *glotonaria*, termo usado por Cora Aguerre, e, sim, e algo a ser produzido em cada encontro.

### ***Sonhos que despertam o final*<sup>3</sup>**

Camila Vidal, outra colega também espanhola, relata este sonho: “Estou sentada em uma cama rodeada de *cucarachas*,<sup>4</sup> quero descer, mas não posso, porque se desço pisaria as baratas e se piso nelas fazem ‘CRAC’... E o que é CRAC?, pergunta a analista, ‘um ruído’. Fim de sessão” (Rojas, 2017, p. 72).

Ela dirá em seu testemunho que o surgimento do significante *cucaracha* permitirá circunscrever sua relação com o Outro materno, seu desejo opaco e sua própria interpretação subjetiva de viver fazendo existir um Outro que a esmaga. Traduzindo subjetivamente, *fazer-se esmagar pelo partenaire*.

No relato familiar de seu nascimento, origem de sua história, sua mãe tem dificuldades para escolher seu nome.

Escolhe seu nome próprio acrescentando o nome da madrinha e mais o nome do santo do dia de seu nascimento que era o mesmo de um tio, resultando um nome composto de três nomes e qualificado de estrambólico pela passante. Nome esse que a mãe nunca usou, pois sempre a chamou de *Cucaracha* que termina sendo simplificado por seus irmãos como *Cuca*. (Rojas, 2017, p. 72)

---

3 Título do texto de Ricardo Rojas em *Wunsch*, 15, IF-EPFCL.

4 Em português: baratas.



Esse significante, que poderia ter sido qualquer outro, diz Camila Vidal, por meio da análise faz surgir outros que formam sua cadeia insciente até chegar a um ponto final, que fica manifesto no sonho. Ali, onde o sentido fantasmático que sustentava sua vida e sua neurose perde todo sentido interpretante, não requer mais análise: o que é crac?... um som, fim. Redução máxima da neurose e queda do Outro como intérprete e par sintomático.

Assinalemos que o “fazer-se esmagar” fica solto de padecimento, na medida em que se constrói o axioma fantasmático — assim ela o chama — “fazer-se um nome com as insígnias do Outro” (Vidal, 2017, p. 29).

Mais do que atravessamento, podemos falar de travessia do fantasma, construção dessa fantasia fundamental que a análise chega ao final e que permitirá o ato analítico de destituição do sujeito, queda do Sujeito Suposto Saber.

Em síntese, esses sonhos condensam uma história/histeria/historização — podemos brincar com os termos como o faz Lacan — que a análise como “suplemento significante” (Rojas, 2017, p. 73) permitiu dissipar. Podemos dizer que, uma vez caído do Outro, põe-se em ato uma separação da qual se obtém uma diferença absoluta (Lacan, 1964/1988), radical entre o Um e o Outro. Opera-se uma nova “re-interpretação da história” (Vidal, 2017, p. 29), que enoda esses elementos diversos que antes davam sentido ao sintoma: *Cucaracha*, em sua vertente significante, e o “fazer-se esmagar”, como vertente pulsional.

Por último, assinalará que “o descobrimento de que atrás desse ‘barata’ se encontra a dificuldade materna com o nome deixa vislumbrar a opacidade do desejo materno e produz a queda do Outro: não era uma dificuldade com ela, era uma dificuldade dela (da mãe) mesma” (Vidal, 2017, p. 29).

## ***Sonhos em que ficam assinalados os resíduos Um final feliz?***

Temos um testemunho disso, que não é tão comum, na literatura, em um livro de Gabriela Liffschitz, intitulado *Um final feliz* (2009). Há muito o que dizer sobre esse livro, mas apenas o tomo como exemplo publicado de um caso que não é de alguém que se fez analista. Ao final da análise, comenta ter “localizado em um sonho Chamorro em uma cadeira quebrada no cume de uma montanha de sucata” (Liffschitz, 2009, p. 126).

É interessante assinalar a relação que aparece repetida nos sonhos ao final, em que a analista caiu e resta somente a sucata, o resíduo do trajeto analítico. E, adiante, o relacionarei com outro sonho, aparece o corpo. Nos termos de Alejandro Rostagnotto, AE (analista de Escola) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, a apropriação de um si mesmo e a disposição ou disponibilidade do corpo ao outro, próprio do desejo do analista, com corpo. Gabriela Liffshitz (2009, p. 125) diz: “Agora, então, pela primeira vez havia outros. Agora,

conseguia escutá-los. Diziam coisas que nada tinham a ver comigo, coisas que desconhecia, sobre as quais, em princípio, somente podia dizer que não sabia o que significavam.”

Outro sonho do final o relata pessoalmente Fernando Martinez, colega do Fórum Patagônico do Campo Lacaniano, na Argentina:

Estava arrumando um quarto. Enquanto varria, com o olhar na direção do chão, via um gaveteiro em cujas gavetas estava escrito com giz meio borrado: limpar, arrumar e, na última gaveta, ainda mais borrada, a legenda *Hacer té*.<sup>5</sup> Foi preciso “forçar a vista” para entender o que estava escrito. Estava muito borrado pelo fato de estar mais perto do chão e em contato com vassouras etc.

De modo muito sucinto, é possível ler aí várias coordenadas do final: uma nova ordem àquilo que está meio borrado nessas gavetas — diferente de engavetar o caso, não? O giz do professor como figura do Outro que já não se lê. Na última gaveta, um escrito, o mais borrado, que diz *hacer té, hacerte, acerté*. E o forçar a vista implica o objeto *a* pulsional olhar, circunscrito no percurso da análise e que agora está mais próximo do chão e em contato com as vassouras que varrem os restos, os resíduos borrados.

Sonho que condensa o final de um percurso em que se aprendeu algo de um escrito com giz que apenas se lê com um esforço, talvez de mudança e passe. Varrer, arrumar, limpar aquilo que já não tem valor de deciframento, pois *baixar o olhar* representa a queda do objeto *ver*.

Esse ponto me leva a outro caso em que também se detém o deciframento inconsciente-hieroglífico e passa àquilo que Colette Soler (2012) detecta em sua leitura precisa de Lacan: o inconsciente real. Não vou entrar nisso agora, mas vale a pena deixá-lo dito.

## Este que lhes fala feito caso

Uma sequência de dois sonhos que aconteceram no final de minha própria análise, com um intervalo de dois anos, aproximadamente. Podemos dar-lhes títulos: o sonho do analista queimado e o sonho do saco de lixo. São dois temas que o inconsciente me deu na análise, assim em um relâmpago, um lampejo que ilumina uma área e logo volta a deixá-la escura, e que me deram muito a pesquisar. Foram muito importantes em termos de conclusão — com a força desse termo. Não poderia tê-los captado de

---

<sup>5</sup> “*Hacer té*”, em português, seria “fazer chá”. Considerando o sonho em questão, optou-se por manter a expressão em espanhol, a fim de preservar a homofonia de “*hacer té*” com “*hacer te*” (fazer-se) e com “*acerté*” (acertei).

outro modo, ainda que, como já disse, o passe permite captar as coisas desse modo, um pouco mais organizado, mas não sem restos, como diz Fernando em seu sonho.

Vamos ao primeiro dos meus sonhos:

Fui convidado à casa de D., meu analista. Estaria lá um analista francês que veio a trabalho. Por uma conversa paralela, fico sabendo que D. estava se separando de S., sua esposa. Eu o notava apagado, sem o entusiasmo que o caracteriza. Chegava o analista que tinha a cara queimada. Conduzimos uma jornada de trabalho com um entusiasmo contagiante, apesar de seu aspecto.

O segundo sonho, conforme o relatei em análise:

Vinha para a sessão e você ia embora. Você me dizia “não vá embora, eu já volto”. Esperava, e meu tio J. abre uma porta onde aparece um saco de lixo preto enorme, cheio de papéis de contadoria [quanto duraria, lángua ou a insistência] para jogar fora.

Esses sonhos se apresentam com um poder de condensação e de *escrita* que foram impactantes. Como se detivessem por alguns instantes o deslocamento (mecanismo próprio do inconsciente) e dessem algo que, contra a censura habitual, torna-se inesquecível<sup>6</sup> e deixa uma marca que produz um despertar. Não me esqueço desses sonhos. São alguns sonhos e lembranças, é claro, não todos. Alguns que fizeram exceção e que marcaram o final da análise. Isso não quer dizer que, após sonhá-los, fui embora da análise. O final é um percurso também e pode durar certo tempo, do qual podemos recortar sua lógica, retroativamente.

Esses sonhos contradizem o amor de transferência e, conseqüentemente, marcam um limite naquilo que Lacan batizou como o sujeito suposto saber: no consultório sozinho, sem o analista, com meus próprios restos de *contadoria*, tudo aquilo já contado e contabilizado durante a análise. Já venho, diz o analista sonhado. Mas, antes de vê-lo de novo, acordo. O analista não voltará a estar em seu lugar. O despertar é esse instante, não da forma como imaginamos o *satori* ou iluminação no Zen Budismo. Não permanecemos na iluminação porque nos queimamos.

O sonho de transferência paterna do início da análise, que contei no começo do texto, se re-escreve: *estou sentado no colo de meu analista*. O Outro é consistente, substituto do pai, de quem responde, do entusiasta etc.

---

<sup>6</sup> “Parece-me que, se essas manifestações do inconsciente advindas no momento de passe surpreendem e afetam o sujeito de outro modo a ponto de serem inesquecíveis, isso se dá porque, de seu lado, justamente, o sujeito não as lê mais da mesma maneira, ou até mesmo não as lê mais” (Thamer, 2018, p. 8).

Como se chega a essa queda a não ser pela posição ética que a análise implica quando há destituição subjetiva do analista?

Como o assinala Julieta De Battista, colega do Fórum Analítico Rio de la Plata, algo do silêncio do final, não é só o analista que vai se calando, vai-se chamando o silêncio — há isso, mas também há, cito-a, “um silêncio que marca algo da sede de sentido que começa a se apagar e gera a situação um tanto ridícula de ir à sessão para não falar. E o resto é silêncio” (De Battista, 2019, p. 223).

Então, esses sonhos que relato, trazem outros da infância, que, curiosamente, já tinham algo do final, mas que estava como traumático, como núcleo da neurose, digamos, repetitivos e angustiantes. O primeiro é de minha infância, e o segundo, da puberdade.

1. Todo sonho terminava com a mesma cena: via minha família ir embora em um carro e minha irmã mais nova me dar tchau pelo vidro de trás do carro. Desamparo e abandono são os afetos que aparecem ali condensados, quase todas as noites igual.
2. Sonhava que entravam ladrões na minha casa e que me enfiavam um faca nas costas. Via isso, via minhas costas, mas o afeto era sempre de que era tarde demais. Final, morte, impotência e um medo noturno de dormir com as costas viradas para a parede.

Tomo dois detalhes mais sobre os sonhos mais acima para concluir.

O sonho do analista queimado diz da *separação* do analista, separação de seu *partenaire*, no caso, de sua mulher. *Separación* no sentido de Lacan do *Seminário II*, enquanto o desejo de análise é, dirá ali no último parágrafo, “um desejo de obter diferença absoluta” (Lacan, 1964/1988, p. 260).

Ao mesmo tempo, há outros elementos presentes: um leva ao interesse infantil pelo queimado, horror apresentado em várias ocasiões de minha vida, mas enodado a uma novidade que foi sair do circuito fechado de imitar o outro como forma neurótica da identificação e, conseqüentemente, sustentar Outros. Está em jogo a pergunta sobre como ser analista, e uma resposta também, fora de série, mas que faz série com minha história reescrita da análise. A esse sonho e ao entusiasmo no trabalho como afeto preponderante da “satisfação que marca o final” (Lacan, 1976/2003) deve segui-lo um luto pela perda de outra satisfação que é a própria análise, já advertido por Freud.

Às associações do sonho, o analista responde algo assim: que curioso, não é o sonho típico... *Pai, não vêes que estou queimando*, isso é seu. O significante *queimado* não é qualquer e refere-se em minha história a toda uma série de adormecimentos, de não querer acordar. Por isso, o passe como momento da análise pode ser lido ali.

Finalmente, aparece o outro sonho, o do saco de lixo, em que aparece meu tio J. que representa o trabalho do corpo, o esporte e, sobretudo, a prática de artes marciais. Outra vez, insiste: esse saco de lixo enorme é um resto. O que você fará

com isso? Não cabe ao analista que se diz lacaniano optar pelo sujeito, também indicado por Freud e muito elaborado por Lacan posteriormente.

Lacan faz calar o didata como Outro e deixa que o sujeito, destituído ao final da análise, alce sua voz no testemunho; se o faz, o quer. Dá, então, voz ao analisante... já analisado.

Por isso, podemos dizer que o final da análise leva do não querer saber ao querer saber... analisado. É um saldo da análise, já que, diz Lacan, cada um tem seu não querer saber, respondendo à pergunta que Freud deixa aberta em seu maravilhoso texto *Análise terminável e interminável* (1937a) sobre a diferença entre quem se analisa e quem não. Ao final, o horror do saber põe limite aquilo que se pode saber.

Para abrir a discussão, conto um sonho breve. Alguns anos depois de ter terminado a análise e os encontros com o analista, sonho que

É o fim de uma festa, há colegas se despedindo. Está D. distante, longe, mas se aproxima de mim e diz: “está acontecendo alguma coisa com você? Conta. O que acontece?”... eu o olho e lhe digo “como você sabe?” E me ocorre dizer-lhe: “apresentei-me ao passe em minha Escola.” Silêncio, não diz nada, dá tchau e vai embora.

## Referências bibliográficas

- Aguerre, C. (2011). *Puesta a prueba del deseo: lo que pasa en el pase no 2*. Colômbia: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Buttini, M. (2012). El deseo insistente del analizante. *Revista Digital Nadie Duerma*, 0(1), Río de la Plata: Publicación de Psicoanálisis Foro Analítico, “Las paradojas del deseo”. Recuperado de [www.nadieduerma.com.ar](http://www.nadieduerma.com.ar)
- Buttini, M. (2013). Deser, decir, desear. *Revista Aún*, 8, Farp.
- Buttini, M. (2016). Des-enlaces del análisis: ¿de eso se trata? *Revista Heteridad*, 12, Medellín: IX cita internacional de la IF-EPFCL: Enlaces y desenlaces según la clínica psicoanalítica. Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/heterite12.pdf>
- De Battista, J. (2019). La aberración herética del devenir analista. *Revista Pliegues*, 10, Espanha.
- Freud, S. (2006). Psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2006). Observações sobre um caso de neurose obsessiva: o homem dos ratos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

- Freud, S. (2006). Conferência 17: o sentido dos sintomas. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937a)
- Freud, S. (2006). Construções em análise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937b)
- Jullien, F. (2012). *Cinco conceptos propuestos al psicoanálisis*. Buenos Aires: Cuenco del Platae.
- Lacan, J. (1975, junho). Sobre la experiencia del pase. *Lettres de l'Ecole Freudienne*, 15, 185-193.
- Lacan, J. (1978). *El sueño de aristóteles*. Buenos Aires: Textos Escogidos.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 311-315). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lifschitz, G. (2009). *Un final feliz: eterna cadência*.
- Reik, T. (1983). *Listening with the third ear*. Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1948)
- Rojas, R. (2015). Sonhos que despertam o final. *Wunsch*, 15, IF-EPFCL. Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch15.pdf>
- Rojas, R. (2017). Traço de gozo, interpretação e final. *Wunsch*, 16, IF-EPFCL. Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch16.pdf>
- Soler, C. (2007). El rechazo del inconsciente. In *¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista?* (pp. 239-254). Buenos Aires: Letra Viva.
- Soler, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Soler, C. (2013). *El fin y las finalidades del análisis*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Thamer, E. (2018, fevereiro). Uma psicanálise não pode tudo. *Wunsch*, 17, 8.
- Vidal, C. (2017). Saber e ser. *Wunsch*, 17, IF-EPFCL. Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch17.pdf>

**Recebido:** 01/12/2021

**Aprovado:** 15/12/2021